Famílias podem conseguir as escrituras de imóveis

Programa Reurb-S começou pela Vila Getúlio Vargas, no bairro Canudos

Geison Concencia
geison.concencia@gruposinos.com.br

Novo Hamburgo – Para famílias que vivem há anos em um lote sem matrícula em seu nome, a regularização fundiária pode representar a formalização do direito sobre o imóvel. Ao final do processo, os ocupantes podem receber a matrícula ou outro título previsto para cada caso. O registro oferece segurança jurídica e pode facilitar a comprovação da posse e a transmissão do direito aos herdeiros. O documento concedido depende do instrumento aplicado à regularização.

Em Novo Hamburgo, a Prefeitura iniciou o trabalho na Vila Getúlio Vargas, no bairro Canudos, por meio de mutirões do programa Reurbnh. A iniciativa integra a Regularização Fundiária Urbana de Interesse Social (Reurb-S), destinada à população de baixa renda.

No município, o procedimento é gratuito para famílias com renda mensal de até cinco salários mínimos e prevê a emissão das matrículas dos imóveis em nome de seus respectivos titulares.

As etapas começam pelo levantamento topográfico, que mede e mapeia o terreno. O trabalho identifica limites e dimensões dos lotes, construções, ruas, áreas públicas e características do relevo. Com essas informações, é possível representar a área em uma planta e relacionar cada ocupação à respectiva parcela do terreno.

Cadastro social

O cadastro social reúne dados dos moradores, como composição familiar, renda e tempo de ocupação, além dos documentos necessários ao processo. Essas informações ajudam a identificar quem vive em cada imóvel e quem poderá receber a titulação. A etapa também permite verificar se a família se enquadra nos critérios da modalidade de interesse social.

A análise inclui ainda um diagnóstico ambiental, que verifica as condições da área e identifica eventuais restrições ou medidas necessárias. A partir dos levantamentos, é elaborado o projeto urbanístico, que organiza os lotes e sua relação com ruas, áreas públicas e demais elementos do núcleo. O projeto também pode apontar obras e serviços de infraestrutura necessários.

Após o trabalho na Vila Getúlio Vargas, o Reurbnh deve avançar para o Loteamento Morada dos Eucaliptos/Marissol, também em Canudos, e para o Loteamento Kephas, no bairro São José. A expectativa da Prefeitura é visitar cerca de 3 mil lotes ao longo do programa. Cada imóvel, no entanto, depende da análise das informações e da conclusão das etapas necessárias para que a titulação seja concedida. **(Nadine Funck)**

PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO



Equipes fazem visitas para conferir documentos e dados

Emissão da Certidão de Regularização Fundiária

Depois da análise do projeto, a Prefeitura precisa aprová-lo e emitir a Certidão de Regularização Fundiária. As equipes também fazem visitas domiciliares para conferir documentos e informações e localizar famílias que ainda não foram cadastradas. A participação dos moradores é necessária para que o processo avance. A conclusão depende da identificação de quem ocupa cada lote e da conferência dos dados.

A procuradora do Município, Giovana Federizzi, afirma que a Procuradoria-Geral do Município acompanha essa etapa para assegurar que a titulação seja concedida às pessoas correspondentes a cada imóvel.

"O processo de regularização já está se encaminhando para a fase de finalização do projeto. É muito importante saber quem está ocupando cada lote para que a pessoa adequada receba a matrícula em seu próprio nome", explica Giovana.

O secretário interino de Desenvolvimento Social e Habitação, Anderson Bertotti, afirma que o mutirão complementa o cadastramento feito de porta em porta pela empresa Regularize, responsável pelos serviços técnicos. "Regularizar as famílias da Vila Getúlio Vargas é dar dignidade e tranquilidade para quem construiu sua vida aqui."

Sul do Brasil segue com risco de novos tornados

O Sul do Brasil registrou na semana passada um episódio incomum: seis tornados confirmados em apenas quatro dias. Foram três ocorrências em Santa Catarina e outras três no Rio Grande do Sul, em um intervalo curto de tempo e que chamou a atenção pela quantidade e pela intensidade dos eventos.

Para o meteorologista Luiz Fernando Nachtigall, da MetSul, o número de registros é elevado para a climatologia regional e não deve ser interpretado como algo habitual, embora Santa Catarina e Rio Grande do Sul não sejam áreas desconhecidas para esse tipo de fenômeno.

Segundo Nachtigall, o contexto climático ajuda a explicar a sequência de ocorrências. O Sul do Brasil está sob influência de um episódio de El Niño, que não causa tornados diretamente, mas pode favorecer situações atmosféricas propícias a tempestades intensas.

Esse padrão altera a circulação atmosférica e pode aumentar a atuação de frentes frias, sistemas de baixa pressão e o transporte de umidade da Amazônia para a região. Quando há calor, umidade e forte cisalhamento do vento, ou seja, mudanças na velocidade e direção dos ventos com a altitude, a atmosfera fica mais apta à formação de supercélulas, responsáveis pela maior parte dos tornados.

Até o final do ano

A previsão, segundo o meteorologista, é de que o risco de novas tempestades severas siga alto nos próximos meses. Isso não significa tornados constantes, mas sim mais janelas de tempo em que a atmosfera reúne condições favoráveis para eventos desse tipo.

Com o ambiente mais quente e instável, há chance de novos tornados atingirem o Sul do Brasil até o final do ano, e alguns deles podem ser maiores, durar mais tempo e causar danos significativos. A recomendação é acompanhar os alertas meteorológicos e as atualizações sobre o avanço das tempestades. **(Nadine Funck)**

BRUNO MORAIS/GES-ESPECIAL



Grupos colocaram em prática o ensaio de meses

Realizado primeiro festival de bandas marciais de E. Velha

Estância Velha – Um verdadeiro show tomou o Pavilhão de Atividades Culturais (PAC) Reinato Enio Trein, em Estância Velha, na sexta-feira (6). À noite, 13 bandas marciais de escolas do município e mais a Banda Municipal Um Tom colocaram em prática o ensaio de meses e encantaram o público presente.

A apresentação foi a primeira edição do Festival de Bandas Marciais das Escolas da Rede Municipal. A atividade serviu como um novo palco para os shows aguardados para os desfiles de Sete de Setembro, que foram cancelados por duas vezes, em virtude do mau tempo.

Dentre os diversos artistas, Sofia Vogel, de 15 anos, marcou presença no Festival. Ela não escondeu a tristeza por não poder se apresentar em setembro, mas festejou a nova oportunidade. "Fiquei muito triste por não ter o desfile, mas entendi os motivos. Agora fiquei muito feliz com a apresentação", contou ela, antes da apresentação.

Sua amiga de banda e colega na Emef Walter Jacob Bauermann, Maria Valentina, 15, também estava empolgada por finalmente poder colocar em prática os meses de ensaio. "Treinamos muito e agora que tivemos a oportunidade de apresentar o que a gente ensaiou", comenta.

Ao todo, quase 300 estudantes participaram do ato inédito na cidade, prestigiado por pais, responsáveis, nomes ligados às escolas e membros da comunidade em geral. Além do espaço cultural promovido, as bandas receberam uma pequena lembrança pela participação neste primeiro festival estanciense, cuja proposta é se perpetuar nos próximos anos. **(Bruno Morais)**

Participantes detalham trajetórias nos grupos

Da Escola Otávio Rocha, Gabriel Garin, 13 anos, esbanjava tranquilidade antes da apresentação. A escola foi a última do line-up de bandas marciais, e Gabriel, com o seu quadriton, encarava com felicidade mais uma apresentação do hall de atividades alusivas ao Sete de Setembro.

"Estou tocando há mais ou menos dois anos. Comecei com escaleta, depois fui para o prato e para o Quadriton", detalha o instrumentista sobre a sua trajetória musical.

Quem também compartilhou sua história com as bandas marciais foram as amigas Maria e Sofia. "Eu entrei na banda e comecei a tocar prato, aí depois eu troquei para a lira e agora estou no tarol", revelou Maria Valentina, da Emef Walter Jacob Bauermann.

Para Sofia Vogel, a escolha do instrumento teve idas e vindas. "Estou há uns três anos na banda. Entrei na lira, porque a minha irmã era da banda. Saí da lira e entrei para o prato, porque eu não estava me adequando. Depois do prato, voltei para a lira e estou até hoje", revela.